

**HIBRIDIZAÇÃO DO CURRÍCULO: VANTAGENS OU DESVANTAGENS?**Pascoal Jorge Sampa <sup>1</sup>, Joana Elisa RÖwer <sup>2</sup>**RESUMO**

O trabalho surge através de discussões e reflexões desenvolvidas nas aulas de Políticas Educacionais Curriculares e Descolonização dos Currículos sobre o processo de hibridização dos currículos nos PALOP. O nosso objetivo é analisar até que ponto as influências internacionais afetam os programas curriculares desses países e de forma particular como eles se afetam entre si. Como ocorre essa relação de poder dos conteúdos dentro dos currículos escolares. O trabalho baseou-se nas Leis Educacionais desses países e a bibliografia sobre políticas educacionais na perspectiva das teorias curriculares pós-estruturalistas. Assim, é possível concluir que existe uma hibridização nos PALOP, o que não significa dizer que existe uma democratização desses conteúdos e uma abertura total com relação aos conhecimentos endógenos ou subalternizados dos respectivos países. Uma vez que os currículos carregam traços fortes dos conteúdos estrangeiros e é possível observar similaridades no que diz respeito às legislações educacionais destes países. Assim precisamos debater profundamente sobre essas questões que são extremamente importantes para a formação de jovens nesses países.

**Palavras-chave:**

Hibridização. Internacionalização. Democratização. PALOP.

---

<sup>1</sup> UNILAB, IH - SOCIOLOGIA, Discente, e-mail: pascoalsampa@hotmail.com.

<sup>2</sup> UNILAB, IH - SOCIOLOGIA, Docente, e-mail: joanarower@unilab.edu.br.

## INTRODUÇÃO

Debruçar a respeito da hibridização curricular é sempre um desafio, quanto mais, quando se trata da sua implementação nos PALOP, onde cada país carrega grande diversidade internamente. Assim, o processo de hibridização torna mais complicada a sua democratização e consequentemente evitar a dominação de alguns conteúdos escolares que são privilegiados com relação aos outros, principalmente dos conteúdos estrangeiros (hegemônicos). As nossas discussões se orientam nas legislações desses países e dos modelos curriculares. Esta pesquisa se caracteriza como explicativa ao objetivar compreender como ocorre o processo de hibridização curricular nesses países e até que ponto isso se torna uma vantagem ou desvantagem para os nativos e procura identificar quais são os fatores determinantes sobre a predominância dos conteúdos “estrangeiros” nos currículos nacionais. Metodologicamente optamos por uma pesquisa documental através de uma abordagem qualitativa desse problema. Analisar as relações de poder dentro dos currículos escolares, entender o processo de hibridização curricular nos PALOP, com ênfase das influências externas nesse processo.

Como ocorrem essas lutas de poder e saber na configuração curricular? Quais os aspectos que influenciam no processo de hibridização dos nossos currículos? Quem são os atores envolvidos nos textos de orientação curricular? Estas são questões que atravessam este trabalho. Para melhor análise traremos exemplos dos processos que buscam cada vez mais essa aproximação dos fatores endógenos e exógenos dentro dos currículos escolares desses países. Como conta Cá (2008), o currículo perpassa um processo de construção de significados e valores culturais de cada sociedade e eles não se restringem apenas a transmissão dos conteúdos, ou seja, de conhecimentos que são previamente elaborados, mas também tem o poder de criar os significados sociais.

## METODOLOGIA

### **CURRÍCULO E PODER: PERSPECTIVAS PÓS-ESTRUTURALISTAS**

Sendo uma relação de poder, as perspectivas pós-estruturalistas, não devem ser vistas também como as que têm o objetivo de perpetuar as relações do poder, mas também as que procuram manter um viés emancipatório e agregar e inverter novos conceitos numa determinada sociedade e época. Segundo Pereira (2017) o pós-estruturalista apoia a importância das estruturas não na constituição do sujeito, mas na determinação de posição deste e também rejeita a ideia do sujeito universal defendida por estruturalistas.

Qualquer que seja a escolha, entre essas perspectivas (estruturalista e pós-estruturalista) a compreensão das relações de saber-poder na construção curricular permanece. Quando se fala que o currículo é poder (SILVA, 2010), significa que ele já é parte de um conjunto de ações que envolvem a criação da opinião pública e privada. Ele é uma das formas de orientar as sociedades contemporâneas, porque, é através dele que são selecionados os conteúdos a serem ensinados e esses por sua vez tem um reflexo grande nas nossas ações como indivíduos sociais. Por outro lado, abordar a relação de currículo e poder, é falar de uma forma ou de outra de colonização de saber, porque esses currículos são impostos de cima por baixo, ou seja, de forma vertical e podem acabar produzindo inviabilidades, silenciamentos e inadequações aos contextos específicos e plurais de sociedades.

Muitas dessas imposições são consequências das ocupações coloniais, nomeadamente nos países africanos e latino-americanos. Que não só sofreram com o domínio colonial, da exclusão dos conteúdos nacionais como também herdaram esses currículos. O poder aqui abordado mostra a influência que o currículo representa nas nossas sociedades, submetendo os indivíduos ao controle social. E por meio do currículo são estabelecidos ideais de educação nesses países com uma grande diversidade cultural e linguística.

## A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE E A NÃO HIBRIDIZAÇÃO CURRICULAR

Abordar esse assunto é trazer ao debate as questões mais complexas no que refere aos sistemas de ensino nos PALOP. A hibridização curricular pode apresentar aspectos positivos e negativos, pois nos dá a possibilidade de mesclar vários elementos que acreditamos que são relevantes para a sociedade, conteúdos locais e também globais que refletem no nosso cotidiano. A imposição de estruturas e conteúdos pelos agentes internacionais aos países, assim como de práticas acarreta a importação de modelos ocidentais que são hegemônicos.

A hibridização pode ser negativa quando o processo não considera a sua função de democratização perante as diversidades existentes numa realidade, (ex. a implementação de uma reforma curricular num país). Conforme Dussel (2010), a reforma educacional argentina dos anos 1970 que teve como espelho a reforma espanhola não valorizou os saberes locais que são importantes para a população. A hibridização no contexto de comunidade dos países da língua portuguesa possui um caráter muito forte para os países africanos que fazem desse processo controverso. Ao invés de fazerem mesclas acabam deixando de lado as suas práticas, estudando outras realidades (europeia e americana), devido também as produções dos seus materiais didáticos que provem dessas realidades externas. Deixando no esquecimento as suas realidades. No entanto, a hibridização curricular é um processo complexo. Defendemos que a hibridização curricular pode ser positiva se agrega conteúdos dotados de sentido para as realidades locais e não se produz silenciamentos e esquecimentos das culturas específicas.

Se pensarmos a hibridização como um processo formado pelo cruzamento de dois ou mais espécies diferentes, com o propósito de ter um resultado que agrega todas as partes envolvidas nesse processo, de certa forma, é uma tentativa de homogeneizar e fazer a equivalência das partes. Esse fenômeno é muito presente na CPLP e principalmente nos PALOP. Uma das explicações desse fato é o domínio que os modelos ou conceitos externos têm nesses países, entendidos como as mais fundamentais para entender o mundo. É um dos principais problemas que ocorre nessa hibridização e que influencia o sistema educativo. Quando vemos os programas (conteúdos) escolares nesses países, é possível observar que as realidades nacionais desses países são pouco estudadas. Para muitos autores, esta realidade se explica por duas explicações antagônicas e que uma não elimina a outra, são elas: herança de um sistema educativo colonial e a questão da língua oficial do ensino nesses países. Acreditamos que, o fato desses países herdarem um sistema educativo colonial, explica muito pouco domínio dos conteúdos de fora nos currículos escolares, pois, já se passaram mais de 40 anos de independências. Assim, esses fatos poderiam já ter mudado. Portanto, essas tentativas de explicar esse fenômeno, através das heranças coloniais deixam de fora e em grande parte as políticas educacionais levadas a cabo pelos atuais governantes da PALOP, onde ainda existe forte influência dos autores estrangeiros, conteúdos, materiais didáticos nesses países acarretando um processo de reatualizações hegemônicas.

Quanto a língua fica mais evidente que ela tem um impacto grande nesse processo. A maioria desses países convive com mais de três línguas. Permito-me um pequeno parêntese tentando a essa questão da língua, pois a Guiné-Bissau tem mais de 20 grupos étnicos. Cada grupo com a sua língua própria. Além do crioulo que é falado por 90,4% e o português que é a língua oficial com cerca de 27,1% (INE, 2009), existe a língua étnica que tem número de falantes maior que a língua oficial do país, exemplo da língua fula que tem 28,5%. Fechando parêntese e inserindo Cá (2008) o fator linguístico na Guiné-Bissau tem impactos relevantes no sistema educativo. Elenca dois dilemas: “primeira delas é o **crioulo versus línguas étnicas**”, por ser adotado como língua nacional do país. “Segundo dilema ou contradição é o **português versus crioulo**. A despeito de o crioulo ser língua do dia a dia da maioria da população urbana, todos os textos escritos estão em português”. (CÁ, 2008, p. 103).

Destarte, Dussel (2000) afirma que não devemos acreditar em todo processo de hibridização, pois, nem todos seguem a rigor as regras, no sentido de serem neutros. Alguns acabam elegendo ou deixando algumas partes (conceitos, culturas, saberes, etc.) de lado. Também possui aspectos tanto negativos como positivos, mas nesse sentido não podem ser tomados como definidores em sua totalidade. É importante considerar que

nesses aspectos, os negativos são os riscos de apagar determinadas tradições, o que já ocorre nesses países (PALOP), das suas tradições e dinâmicas cotidianas não serem incluídas nesses processos (hibridização, homogeneização e equivalência), mas também tem os seus pontos positivos, como a possibilidade que eles dão através duma abertura da tolerância as diferentes culturas.

Caso concreto da língua crioula em Cabo-Verde, a implementação de um projeto bilíngue de aprendizagem nas escolas em língua portuguesa e na língua crioula em Cabo-Verde desde o ano letivo 2013/2014, em algumas Ilhas do país (Praia e São Miguel - Santiago). Introduzindo assim, a língua materna cabo-verdiana nas escolas básicas, a fim de facilitar os primeiros contatos dos alunos na fase de alfabetização. Segundo Dussel (2000), todo o cuidado é pouco nesse sentido, para ela, hibridização como forma de problematizar o vínculo entre saberes diferentes se associa também a diversas estratégias e discursos, alguns com o objetivo de domesticar as diversidades existentes. O que na realidade nesses países está acontecendo uma espécie de genocídio cultural e de saberes. Portanto, os currículos são grandemente definidos através das relações de poder, daquilo que deve integrar ou não. Nesse caso específico dos PALOP, eles sofrem também com a influência desses poderes que são exercidos de fora para dentro.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **VANTAGENS E DESVANTAGENS DA HIBRIDIZAÇÃO**

Como qualquer processo que uni diferentes componentes, a tendência é de um aspecto sobrepor a outro(s), mas isso fica mais acentuado quando ocorre nos lugares com estruturas mais frágeis, como os países que tem um nível de dependência muito alto em quase todas as áreas. Essa dependência tem os seus efeitos. Pois esses países acabam sendo diretamente influenciados por modelos e conquistas em diferentes áreas de saber dos países ditos desenvolvidos, principalmente quando se refere a Educação. Submetem-se as contradições do processo pondo-se assim, um país e gerações diferentes por diferentes formas de submissão.

O português não tem legitimidade nenhuma, pois é a língua do colonizador, portanto, imposta de fora. A única língua que representa a união dos guineenses é o crioulo, uma vez que ele surgiu justamente da convergência das diversas línguas locais sob a confluência do português. Ou seja, ele é a única língua falada no país à qual aloglotas adeririam sem a sensação de estar aceitando a língua de uma potência ou de uma etnia. (CÀ, 2008. p. 103).

Assim, a hibridização curricular tem esse caráter dual e controverso e se insere em lutas de saber-poder desiguais necessitando ser analisada também de acordo com as particularidades de cada país.

## **CONCLUSÕES**

O processo de hibridização é uma reflexão importante e necessária nesses países, porque nos permite rever como foi, ou seja, como está sendo a educação formal nos PALOP. Não se pode abordar a questão da hibridização curricular sem ter em mente que ela está ligada ao poder, que cria as influências em determinadas circunstâncias sociais, culturais, econômicas, etc. O currículo é poder sim, porque é a partir dele que são criados diversos meios para as interpretações sociais, instituindo uma visão hegemônica do mundo e os processos de dominação. Através dele que as culturas escolares são construídas e conseqüentemente a sua perpetuação e inculcação pela sociedade. No caso dos PALOP, países com grande diversidade tanto cultural como linguística, seria necessário agregar esses valores nos devidos sistemas educativos e não fazer ao contrário, importando os modelos "estrangeiros", o que acaba por influenciar na formação dos indivíduos desses países.

Não que esses conhecimentos estrangeiros sejam irrelevantes, mas os conhecimentos nacionais têm impacto

direto na vida cotidiana desses indivíduos, os estrangeiros devem entrar para complementar, como acontece nos países ocidentais. A valorização e o papel central dos conteúdos nacionais nos currículos escolares nos PALOP enriqueceria muito o sistema educacional, como possibilitaria também os jovens a conhecer os saberes e riquezas culturais de cada país em debate.

## AGRADECIMENTOS

## REFERÊNCIAS

CÁ, Lourenço Ocuni. **A constituição da política de currículo na Guiné-Bissau e o mundo globalizado**. Cuiabá: EdUFMT/Capes, 2008. 247 p.

DUSSEL, Inés. O Currículo híbrido: domesticação ou pluralização das diferenças? In: Alice, Casimiro Lopes; Elizabeth Macedo (org). **Currículo: debates contemporâneos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PEREIRA, Talita Vidal. **As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as políticas curriculares**. ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.3, n.1, pp.419-430. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/9102/4790>. Acesso: 10 set. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 159. 2010.